

A literatura cubana na época da Revolução

SERGIO CHAPLE MESA

TRANSCORRIDO, já, pouco mais de meio século desde o triunfo da Revolução Cubana e, se durante suas primeiras décadas – por falta de uma perspectiva adequada, por pleno desconhecimento ou pela não descartável má-fé de seus detratores –, a existência de uma nova literatura surgida com ela foi um tema frequentemente sujeito a discussão em meios literários e artísticos, na atualidade, essa existência não só se encontra fora de dúvida, como, afincadas em sua melhor tradição e com suas especificidades, nossas letras ocupam um lugar de inquestionável significação entre as ibero-americanas.

Para uma compreensão plena do processo literário no período analisado, é preciso, claro, não se ater exclusivamente a fatores literários, mas, ao menos de modo conciso, deter-se naqueles de índole extraliterária que desde seus primeiros anos incidiram no processo e contribuíram para caracterizá-lo. Em primeiro lugar, deve-se destacar que, apesar de nossa literatura ter contado com escritores de significação continental e universal – como José Martí (a mais alta entre elas), José María Heredia, Gertrudis Gómez de Avellaneda, Julián del Casal, Nicolás Guillén, Alejo Carpentier, José Lezama Lima, Dulce María Loynaz, Juan Marinello, Virgilio Piñera, entre outros –, a extraordinária obra deles foi produzida a despeito das condições materiais e espirituais que em nada favoreciam seus criadores. Esses, estoicamente, escreveram para um leitor nacional na prática inexistente. Daí que, como foi reconhecido de maneira unânime, a primeira grande conquista cultural e, portanto, literária do processo revolucionário tenha sido a criação de um público leitor, basicamente por meio da campanha de alfabetização concluída de forma exitosa numa data tão próxima à Revolução, como foi o ano de 1961. Essa campanha estabeleceu as bases para que o povo, que, segundo cálculos conservadores, contava com 25% de analfabetos no momento em que triunfa a Revolução, pudesse tanto apreciar como criar obras literárias. Após esse fato cultural sem precedentes em nosso continente, ocorreu um processo de institucionalização dentro desse âmbito, que só quando visto a partir de nossa perspectiva atual podemos apreciar devidamente em toda sua singularidade e grandeza.

A década de 1960 viu surgir, desde seu início, instituições e órgãos tão importantes como, entre outros, a União de Escritores e Artistas de Cuba (Uneac), a Casa de las Americas, o Conselho Nacional de Cultura, o Instituto de Literatura e Linguística, o Instituto Cubano da Arte e da Indústria Cinematográficas

(Icaic), o Balé Nacional e, de modo especial, um ingente sistema editorial, cuja mostra mais acabada foi a criação do Instituto Cubano do Livro em meados da década e em cuja gestação trabalharam figuras da importância de Alejo Carpentier, entre outras. Significativamente, na melhor concepção cultural martiana e leninista, seria a grande novela cervantina, *Dom Quixote*, o primeiro título saído das imprensas revolucionárias nacionalizadas, numa tiragem de 100 mil exemplares e com um custo totalmente acessível para a recentemente criada massa de leitores.

Em Cuba, viviam-se momentos épicos que inevitavelmente reclamavam definições ideológicas por parte do povo e, obviamente, dos escritores e artistas, que acharam nos flexíveis e em nada dogmáticos pronunciamentos de Fidel Castro em junho de 1961, recolhidos sob o título de *Palavras aos intelectuais*, a primeira formulação da política cultural que presidiria a criação artística e literária numa sociedade já declarada socialista.

No estritamente literário, foram anos de enorme produtividade. Criadores de diferentes gerações, que pela primeira vez em nossa história literária atingiam o merecido reconhecimento social por seu trabalho artístico, uniram seus esforços com os dos novos talentos dados a conhecer em todos os gêneros. Nas páginas de numerosas publicações literárias aparecidas, não só na capital, mas, seguindo a correta política cultural traçada, ao longo de todo o país, os escritores acharam espaços para publicar as diversas criações das novas formas de se apropriar esteticamente da realidade nacional e, desde muito cedo, com sucesso nos distintos gêneros. Dessa forma, já em meados de sua primeira década, a narrativa da Revolução podia se orgulhar de contar com obras de tão impactante



Fina García Marruz



Nancy Morejón

qualidade estética como *El siglo de las luces* ou *Paradiso*, de autores formados antes de 1959, como Carpentier e Lezama Lima, mas também com um texto como *Cimarrón*, do jovem Miguel Barnet, que acabava de dar-se a conhecer como escritor e que, com seu texto, inaugurava de maneira brilhante o gênero testemunhal. Importantes narradores conhecidos antes de 1959, como Virgilio Piñera, Onelio Jorge Cardoso, Félix Pita Rodríguez, Dora Alonso, entre outros, também tiveram a oportunidade de publicar pela primeira vez de forma maciça suas obras e de contar com o reconhecimento do povo. Eles continuaram a produzir com singular acerto, enquanto ao calor de concursos tão importantes como os da Casa de las Americas, da Uneac e de outras instituições, foi surgindo a primeira geração de romancistas da época, com autores como José Soler Puig, Lisandro Otero, Ezequiel Vieta, Edmundo Desnoes, Humberto Arenal, Jaime Sarusky, Gustavo Eguren, Pablo Armando Fernández, Reinaldo González, entre outros, empenhados em plasmar esteticamente suas vivências tanto da etapa de luta contra a tirania de Batista como a dos primeiros anos após a Revolução. A esses autores se juntaria, em meados da década, um grupo de jovens narradores como Jesús Díaz, Eduardo Heras, Norberto Fuentes, Antonio Benítez Rojo, Manuel Cofiño, Joel James, Julio Travieso, Hugo China, entre outros, chamados por sua geração a deixar uma marca indelével em nossa narrativa de contos com sua fresca e acertada maneira de captar e expressar com grande qualidade estética o momento mais alto da época da Revolução.

Continuando com sua tradição de excelência em nossa história literária, a poesia escrita a partir de 1959 conjugou, com originalidade e vigor estético indubitáveis, os chamados “temas eternos” com os oferecidos pela nova reali-



Dora Alonso



Dulce María Loynaz

dade revolucionária, como de modo insuperável exemplifica desde os primeiros momentos da Revolução o poema *El otro* de Roberto Fernández Retamar, um dos jovens autores que apareceram na década de 1950 e que integrariam a primeira geração de poetas surgida a partir de 1959, entre os que podemos destacar Fayad Jamis, Pablo Armando Fernández, César López, Roberto Branly, Luis Marré, Rolando Escardó e José A. Baragaño, os dois últimos falecidos prematuramente.

É claro que, nos primeiros anos da Revolução, encontravam-se ativos e mantinham uma altíssima qualidade na sua produção poética autores tão significativos no gênero para nossas letras como: Nicolás Guillén, Regino Pedroso, Manuel Navarro Luna, Juan Marinello, Mirta Aguirre, Samuel Feijóo, Carilda Oliver Labra, Ángel Augier, Félix Pita Rodríguez. Assim como, entre os representantes do grupo *Orígenes*, suas quatro figuras fundamentais: José Lezama Lima, Eliseo Diego, Cintio Vitier e Fina García Marruz, cuja obra no lapso resenhado não só manteve sua reconhecida excelência estética, mas também, em certos casos, foi superada.

São múltiplas as formas de expressão de todas essas figuras, mas entre os mais jovens representantes foi se impondo um tom coloquial que expressivamente os afastou dos mais altos expoentes do grupo da revista *Orígenes* e que, na geração de jovens poetas surgidos de modo paralelo à dos contistas, e também agrupados em torno de uma revista, *El Caimán Barbudo* (cuja publicação reuniu toda uma geração de escritores), mostrou uma franca influência de Nicanor Parra. Esse os fez desembocar na expressão “antipoética” que caracteriza a produção de autores como Luis Rogelio Noguerras, Guillermo Rodríguez Rivera,



Alejo Carpentier



Miguel Barnet

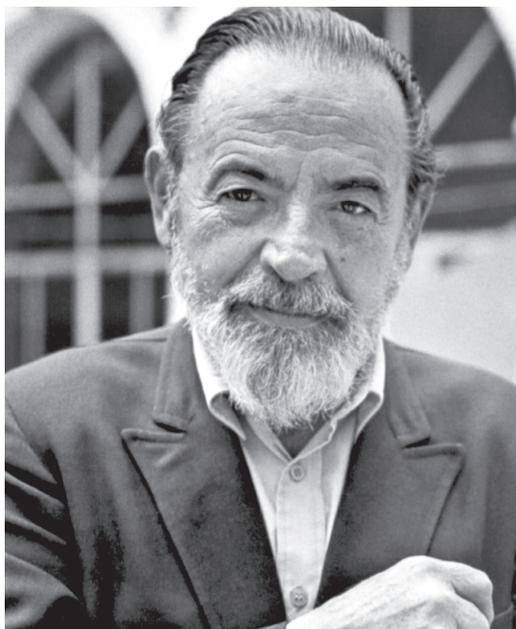
Raúl Rivero, Víctor Casaus, Jesús Cos Cause e, em certo modo, a de Nancy Morejón e Lina de Feria.

Nessa primeira década após a Revolução, adquirem uma importância extraordinária o trabalho ensaístico e a crítica literária, elaborados por escritores de distintas gerações que publicaram na revista *El Caimán Barbudo*. Para esses autores, apoiados por um movimento editorial que resgatava o mais valioso de nosso acervo literário até 1959, foi prioritário analisar sob o pensamento mais progressista, incluindo obviamente o marxista-leninista, o processo literário nacional. Esse trabalho contava com o valioso precedente em nossa crítica de filiação marxista de autores como Juan Marinello, José Antonio Portuondo, Mirta Aguirre, Ángel Augier, entre outros, que continuam aprofundando sua obra, publicada agora de forma maciça, e a quem se uniram representantes de distintas gerações, tendências políticas e estéticas, tão destacados como: Camila Henríquez Ureña, José Juan Arrom, Raimundo Lazo, José Lezama Lima, Samuel Feijóo, Cintio Vitier, Fina García Marruz, Salvador Bueno, Roberto Friol, Roberto Fernández Retamar, Ambrosio Fornet, Graziella Pogolotti, Alberto Rocasolano, Leonardo Acosta, entre outros. Esses autores continuariam, em décadas posteriores, o seu meritório trabalho de pesquisa e revalorização de nosso processo literário.

Como se sabe, no final da década, e em particular por causa dos sucessos de 1968 em Praga e da intensificação da guerra do Vietnã, internacionalmente a luta ideológica no campo cultural aumentou e incidiu de maneira particular em nosso processo cultural. Numerosos intelectuais, tanto latino-americanos como de outras terras, passaram para posições hipercríticas sobre o processo revolucio-

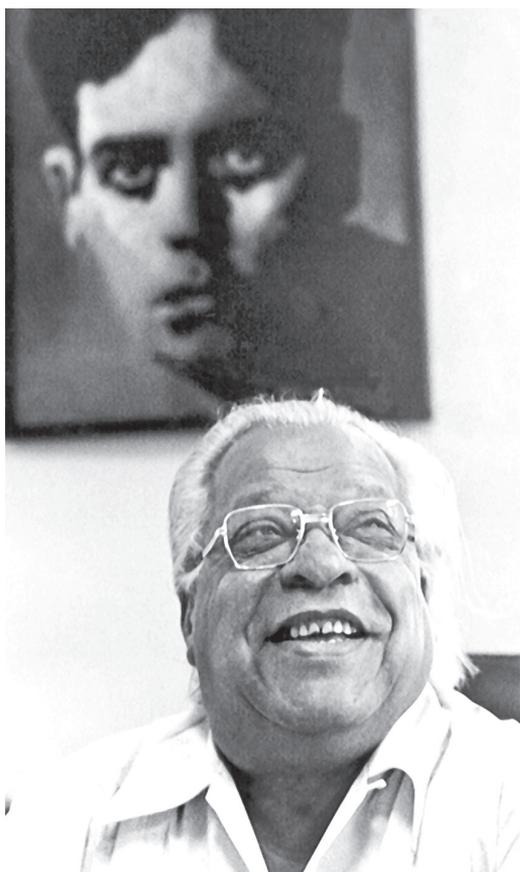


Cintio Vitier

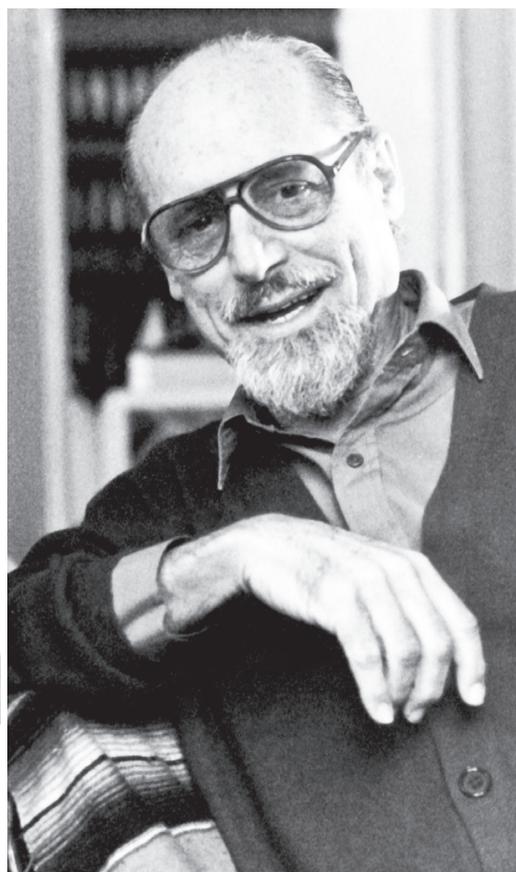


Eliseo Diego

nário e em particular sobre a sua política cultural, alguns em franco conluio com o imperialismo e outros confundidos pela colossal campanha midiática desatada contra a Revolução por ele, que em forma habilíssima soube tirar partido dos inegáveis erros de todo tipo (e em particular de ordem cultural) cometidos no país nesses anos. O agravamento da luta ideológica atingiu sua mais aguda expressão nos postulados que direcionavam a política cultural nacional, seguidos a partir do Congresso Nacional de Educação e Cultura, que teve lugar em 1971 e que abriu nessa esfera da vida nacional o chamado “Quinquênio gris”, denominação acunhada pelo crítico Ambrosio Fornet e aceita comumente entre nós, com consequências altamente nocivas tanto para a atividade nacional artística e literária como para o prestígio internacional do processo revolucionário. Por sorte, os erros dessa política cultural levada adiante foram corrigidos em 1975, após a celebração do Primeiro Congresso do Partido, quando foram aprovadas a Tese e a Resolução sobre a cultura artística e literária, propiciadoras de um novo clima antidogmático, para cujo desenvolvimento contribuiu de forma decisiva a criação do Ministério da Cultura, derivado do espírito do Congresso e encarregado de instrumentar a política cultural traçada pela máxima instância partidária.



Nicolás Guillén



Roberto Fernández Retamar

A significação do trabalho levado adiante pelo Ministério da Cultura sob a direção de seus dois mentores, Armando Hart Dávalos e Abel Prieto Jiménez, é claramente louvável. Sua criação coincide, praticamente, com a divisão política e administrativa do país, que multiplicou o número de províncias para 14 e o número de municípios para 169, os quais contaram com suas respectivas direções provinciais e municipais graças à Direção Nacional de Literatura, encarregada de instrumentar a política ministerial. Essa instituição tem garantido até o presente a eficácia do trabalho literário nas suas respectivas instâncias.

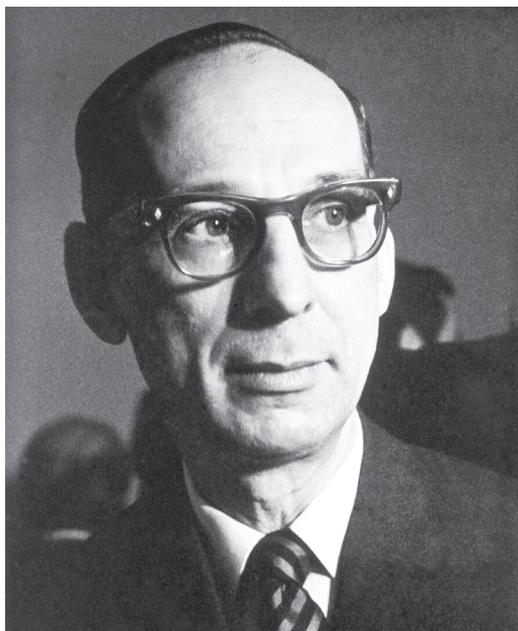
Apoiado no trabalho do Ministério da Cultura, da Uneac, da Casa de las Americas e do sistema de instituições culturais, cada dia maior e especializado, o trabalho literário adquiriu uma significação na vida nacional totalmente impensável em 1959. Além das já indicadas características, a década de 1970 se caracterizou pelo aparecimento ou pela consolidação de modalidades literárias pouco cultivadas entre nós, que adquiriram, dessa maneira, uma ampla representatividade e divulgação nas diversas editoras nacionais e provinciais e nos principais certames,¹ como a literatura para crianças e jovens, que tinha contado, no século XIX, com o excepcional precedente de *La edad de oro*, de Martí, continuando agora pelos autores de reconhecida trajetória como Dora Alonso, Mirta Aguirre, Eliseo Diego, Félix Pita Rodríguez; ou figuras da nova geração, como Nersys Felipe e Julia Calzadilla. A literatura policial, de muito escassa presença anterior nas nossas letras que, pelas singularidades de nosso desenvolvimento social, destacam-se na América ibérica, conta com autores bem estabelecidos no âmbito internacional, como Leonardo Padura Fuentes e Daniel Chavarría, uruguaio cuja carreira literária foi praticamente desenvolvida em Cuba. A literatura de “ficção científica”, entre cujos cultivadores quiçá seja Miguel Collazo o de melhor qualidade; o gênero testemunhal, impulsionado desde cedo pela Casa de las Americas, e dentro do qual se produziram obras significativas de autores que continuaram o caminho iniciado por Miguel Barnet, como Enrique Cirules, Víctor Casaus ou Reinaldo González; assim como os estudos de gênero, igualmente promovidos decisivamente por meio de colóquios e publicações da Casa de las Americas e por especialistas como Luisa Campuzano, Susano Montero e outras figuras de gerações mais recentes, como Zaida Capote.

Na narrativa, a temática da luta insurrecional contra Batista e a diretamente vinculada à concreção das circunstâncias épicas iniciais do processo revolucionário deu passagem a transformações materiais e espirituais que esse processo produziu em nossa sociedade. Essas transformações já estavam refletidas no romance não só de autores de gerações anteriores a 1959 – entre os quais singularmente se destaca o trabalho de Cintio Vitier a partir da década de 1980 e, é claro, o de Alejo Carpentier, cuja produção da década de 1970 manteve e, até mesmo, superou em muitos aspectos a excelência de seus escritos anteriores a 1959, obra que representa o cume de nosso romance na época indicada –, mas também pelos novos narradores dados a conhecer basicamente após essa data,

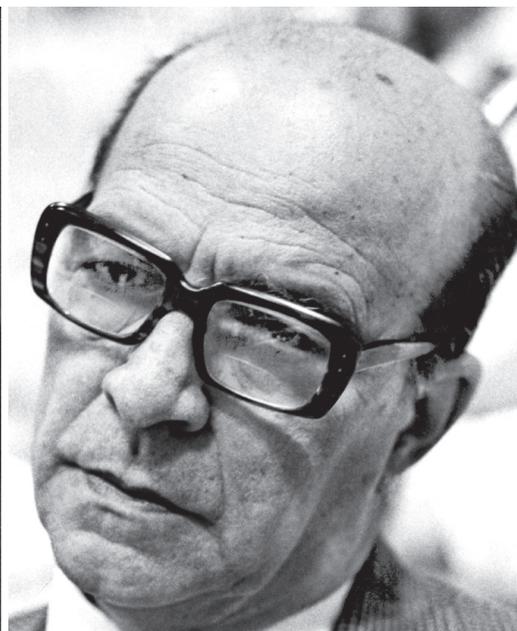
como Manuel Cofiño, Gustavo Eguren, Ezequiel Vieta, Antón Arrufat, Jesús Díaz ou Jorge Luis Hernández; além dos já mencionados: José Soler Puig, Lisandro Otero, Jaime Saruski, Umberto Arenal, entre outros.

O conto, de final da década de 1960 até aproximadamente o início da década de 1990, mostra mudanças notáveis. Em especial, observa-se uma diminuição dos temas centrados na captação do épico nos anos iniciais do processo revolucionário e, em contraste, o surgimento daqueles emanados das vivências das novas gerações de contistas – muitos deles nascidos na década de 1950 – cujas experiências vitais ficaram plasmadas em temas geracionais tão significativos para eles, como suas vivências com bolsas de estudos, nos trabalhos voluntários, nas mobilizações agrícolas etc. Alguns desses narradores tiveram um precedente de alta qualidade estética no malgrado Rafael Soler, entre eles se destacam Senel Paz, autor de um relato emblemático e de ampla significação tanto literária quanto extraliterária em nossa sociedade como *El lobo, el bosque e el hombre nuevo*, levado com sucesso ao cinema com o título de *Fresa y chocolate* [*Morango e chocolate*] pelo grande cineasta nacional Tomás Gutiérrez Alea, com roteiro do próprio Senel; Mirta Yáñez, Leonardo Padura, Francisco López Sacha, Reinaldo Montero, Guillermo Vidal, Abel Prieto, Arturo Arango, Miguel Mejides, Omar González, Abilio Estévez, Luis Manuel García, Aida Bahr e Marylin Bobes.

Também na lírica se evidenciam novos traços temáticos e estilísticos desde final da década de 1970 e início da de 1980. Superada a tão breve como ingênua modalidade “tojosista” (poesia promovida durante o “Quinquênio gris” e externamente inspirada em nossas raízes camponesas, sem chegar a atingir nunca os valores sociopolíticos festejados pelo movimento “siboneyista” em nossa



Virgilio Piñera



Onelio Jorge Cardoso

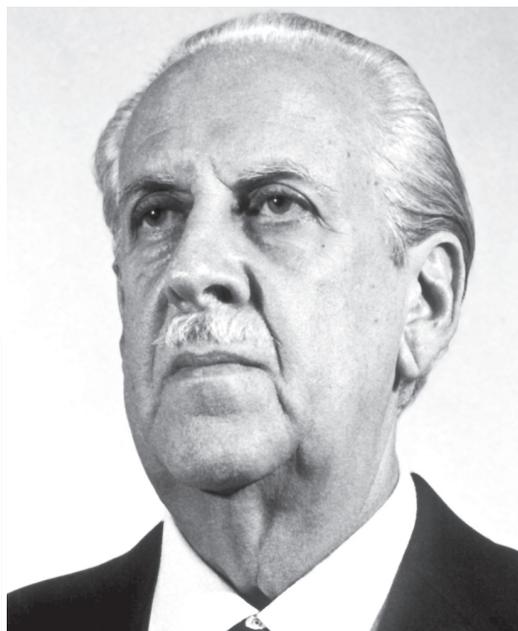
lírica do século XIX), os jovens poetas transitaram para uma expressão “neo-origenista” que os aparentou de alguma maneira com figuras tão significativas de nossa poesia como José Lezama Lima, Cintio Vitier, Fina García Marruz ou Eliseo Diego, e entre os quais uma de suas vozes mais representativas foi a do malogrado Raúl Hernández Novás, que nos legou uma obra que prometia dimensão continental, do mesmo modo que a obra de quem fora seu antípoda em expressão poética, Luis Rogelio Noguera, também prematuramente falecido em pleno apogeu de suas faculdades criativas.

É claro que os grandes poetas de gerações anteriores continuaram produzindo uma obra de alto grau de maturidade estética que, unida à sua ampla divulgação nacional e internacional, propiciou a seus autores o pleno e merecido reconhecimento internacional, como ocorreu nos casos de Nicolás Guillén, Félix Pita Rodríguez, Mirta Aguirre, os tão importantes poetas da revista *Orígenes* já mencionados, assim como Roberto Fernández Retamar, Fayad Jamís, Carilda Olivier Labra, entre outros. Nas décadas de 1970 e 1980, os autores já consagrados, assim como aqueles que iam surgindo, adquiriram também uma valiosa maturidade expressiva, como exemplifica a produção dos poetas ligados ao *El Caimán Barbudo* já indicados, aos quais se uniram, entre outras numerosas figuras, Reina María Rodríguez (uma das vozes líricas emblemáticas de sua geração), Roberto Méndez, Marilyn Bobes, Ángel Escobar ou Virgilio López Lemus.

O excelente trabalho realizado pelas diferentes Escolas de Letras e Institutos Pedagógicos de nossas universidades, assim como o trabalho de tão importantes centros de pesquisa ou de ensino como o Instituto de Literatura e Linguística da Casa de las Americas, o Instituto Juan Marinello, o Instituto



José Lezama Lima



José Antonio Portuondo

Superior de Arte, o Departamento Coleção Cubana da Biblioteca Nacional etc. viram-se refletidos no grande desenvolvimento atingido pelo ensaio, pela crítica e pela pesquisa literários basicamente a partir da década de 1970. Aos já mencionados críticos de gerações anteriores, somou-se um grande número de jovens (hoje já não tão jovens), que munidos de um arsenal teórico em razão especialmente do desenvolvimento da teoria literária nos distintos países socialistas, que nos brindaram com sua ajuda durante décadas, continuaram valorizando todo nosso acervo literário, examinando, sob uma nova perspectiva, os diferentes períodos e figuras da história literária nacional e produzindo textos fundamentais para prosseguir essa tarefa, como é o caso do *Diccionario de la literatura cubana* e a *Historia de la literatura cubana*, enorme obra, esta última, preparada sob a direção do Instituto de Literatura e Linguística e cujo terceiro volume estuda, pela primeira vez, a literatura nacional produzida a partir de 1959 tanto em Cuba como fora da Ilha. Não pode ficar tampouco sem menção o extraordinário trabalho sobre a figura de José Martí levado adiante pelo Centro de Estudos que leva seu nome, empenhado na magna edição crítica da produção literária do mais relevante de nossos escritores e cujas publicações mantêm uma qualidade relevante. Entre os autores da nova geração, destacam-se pesquisadores e críticos como Salvador Arias, Enrique Saínz, Guillermo Rodríguez Rivera, Rogelio Rodríguez Coronel, Reynaldo González, Rogelio Martínez Furé, Miguel Barnet, Desiderio Navarro, Luis Suárez, Virgilio López Lemus, Abel Prieto, Leonardo Padura, Luis Toledo Sande, Jorge Fornet e Alberto Garrandés; assim como uma notável representação de autoras como Luisa Campuzano, Nancy Morejón, Margarita Mateo, Nara Araújo, Denia García Ronda, Cira Romero, Ivette Fuentes, Mayerín Bello e Ana Cairo.

A produção literária das últimas duas décadas se encontra influenciada de maneira visível pela crise ocorrida, tanto nacional como internacionalmente, pela queda do campo socialista, que, na ordem interna, provocou uma grande crise de valores que não demorou em ser refletida em forma literária e cuja expressão mais representativa se encontra nos textos escritos pelas mais recentes gerações de narradores. Temáticas de escasso tratamento na narrativa posterior a 1959, como a prostituição, a homossexualidade, a corrupção administrativa, a dupla moral, o desmoronamento dos tabus sexuais, o nepotismo, a violência social ou o êxodo ilegal do país – apresentadas em muitos casos com um erotismo inusitado entre nós – têm sido amplamente exploradas, nem sempre estética ou ideologicamente com fortuna, como ocorre em qualquer literatura, mas sim naqueles autores de maior valor, com um válido e resolvido propósito – em essência não contestatório – de indagar os males e os erros acontecidos na sociedade que lhes corresponde de modo geracional espelhar. Entre seus representantes mais destacados, há valiosos autores como Alberto Garrido, Lázaro Zamora Jo, Raúl Aguiar, Jesús David Curbelo e Alberto Guerra. Entre as mulheres, sobressaem duas autoras que apareceram na década de 1960 e que agora ressurgiram com

novos brios e acertos, como Maria Elena Llana e Esther Díaz Llanillo, a quem se juntam, entre outras: Ena Lucía Portela, Laidi Fernández de Juan, Gina Picart, Karla Suárez, Anna Lydía Vega Serova e Verónica Pérez Konina.

Também o ensaio, a crítica e a pesquisa literários continuam a encontrar uma valiosa continuidade na mais recente geração de escritores, como destacadamente revela a produção de, entre outros, Alberto Garrandés, Jorge Fornet, Zaida Capote, Emmanuel Tornés, Enrique Ubieta e Marta Lesmes.

Na década de 1990 e na primeira década do século XXI – como era presumível e aconteceu em outros gêneros, embora quiçá não de forma tão acentuada –, perdemos figuras capitais de nossa poesia que acompanharam o trabalho das novas gerações de poetas surgidas no curso do processo literário da época e que haviam continuado nela a sua obra com grande qualidade. Entre esses autores, destacamos Eliseo Diego, Félix Pita Rodríguez, Samuel Feijóo, Dulce Maria Loynaz e, mais recentemente, Cleva Solís, Roberto Friol, Cintio Vitier e Ángel Augier; assim como fora do âmbito nacional, Eugenio Florit e Gastón Baquero. Todas essas perdas, precedidas em décadas anteriores por figuras da talha de Nicolás Guillén, José Lezama Lima, Virgilio Piñera, Manuel Navarro Luna, Mirta Aguirre, Juan Marinello, Regino Pedroso e Fayad Jamís, poderiam fazer pensar no advento de uma verdadeira crise do gênero. E claro, a ausência de figuras de tal magnitude necessariamente se fez sentir, porém, por sorte, a produção dos mais altos representantes das distintas gerações que acompanham aos jovens poetas surgidos, ou que chegaram à maturidade, nas duas últimas décadas indicadas, mantém a tão reconhecida qualidade da grande tradição lírica nacional.

Diferentemente de décadas anteriores, a produção lírica contemporânea – particularmente a levada adiante pelos mais jovens autores – não se encontra atrelada a uma tendência temática ou formal determinante, chame-se como já foi feito de coloquialismo, antipoesia ou neo-origenismo, mas revela certo ecletismo assimilador de elementos expressivos da pós-modernidade que conta já com valiosos aportes para nossa lírica por parte de talentosos representantes, como: Sigfredo Ariel, Reinaldo García Blanco, Frank Abel Dopico, Heriberto Hernández, Damaris Calderón, Teresa Melo, Laura Ruiz Montes, entre outros.

Nos últimos anos, na medida em que a Revolução foi ganhando maturidade e que as condições para uma compreensão mais cabal de nossa identidade cultural foram mais propícias, produziu-se um aprofundamento nos estudos da literatura levada adiante pelos cubanos na emigração que possibilitou medir com maior justiça – superado o predomínio do inevitável processo político-ideológico, de tanto peso nas etapas iniciais do movimento revolucionário – a enorme dimensão do legado deixado pelos escritores para a cultura nacional, assim como pela intelectualidade em seu mais *lato sensu*, radicados fora do âmbito nacional após 1959, ou daqueles que deixaram seu aporte antes dessa data e que se mantiveram à margem da vida literária e política da Ilha.

A obra de autores de tanta significação literária e cultural, como Jorge Mañach, Eugenio Florit, Gastón Baquero, Lidia Cabrera, Lino Novás Calvo, Enrique Labrador Ruiz, Carlos Montenegro, José Ángel Buesa, Ángel Gaztelu e Hilda Perera, entre os que contavam com uma sólida obra escrita antes da época revolucionária, assim como daqueles cuja literatura se forjou ou ganhou maior significação já durante a Revolução, como Guillermo Cabrera Infante, Severo Sarduy, Edmundo Desnoes, Calvert Casey, Reinaldo Arenas, Antonio Benítez Rojo, Heberto Padilla, Jesús Díaz, Norberto Fuentes, entre outros, é hoje objeto de estudo em nossas universidades e centros acadêmicos, e em muitos casos reeditada por nossas principais editoras, salvo em casos como o de Cabrera Infante, em que expressamente se negaram a isso.

De todo modo, começa a ser conhecida e estudada entre nós – e em algumas ocasiões publicada por nossas editoras e revistas literárias – a produção daqueles autores que na emigração atingiram maior notoriedade, como Carlos Victoria, Mayra Montero, René Vázquez Díaz, Roberto G. Fernández, José Kozler, Rita Geadá, Emilio Bejel, Jesús J. Barquet, Roberto González Echevarría, Gustavo Pérez Firmat, Román de la Campa, Lourdes Tomás Fernández de Castro e Eliana Rivero, assim como Oscar Hijuelos, Cristina García, Miguel Muñoz e Achy Obejas, que conseguiram se expressar com sucesso em língua inglesa.

Grosso modo, tentamos apresentar as linhas fundamentais seguidas por nossa literatura a partir de 1959, assim como enumerar seus representantes mais destacados nos distintos gêneros. É agora o momento de realizar uma sucinta caracterização dos traços distintivos que singularizam nossa literatura no contexto supranacional e, em especial, no da literatura latino-americana. Em primeiro lugar, a reafirmação do processo de continuidade com a linha central da literatura nacional precedente, estreitamente vinculada com a causa do progresso social, agora, é claro, com um novo sentido para os autores, conscientes da importância do seu trabalho como criadores e das possibilidades de transformação social de suas obras, converteu a literatura nacional em expressão e reflexo de uma nova época histórica, sem que isso signifique a inexistência de elementos de ruptura inerentes à relação dialética que em todo processo literário se produz entre esses dois fatores da sua evolução.

Sendo a cubana, por sua vez, a primeira revolução socialista no continente americano, a literatura escrita nessa época se destaca por sua originalidade e independência em relação à dos restantes países socialistas, cujos padrões estéticos orientadores da política cultural preconizavam métodos e formas de criação determinados, em essência normativos, dos quais Cuba se apartou em busca de autenticidade para a expressão de sua identidade cultural.

A aplicação de uma política cultural em essência revolucionária – embora, como vimos, não isenta de erros – provocou uma genuína eclosão de jovens escritores, não circunscrita à capital do país, mas expressão de uma verdadeira vida literária na nação inteira, que, apesar das enormes dificuldades materiais experimentadas, vêm hoje garantindo, em seus respectivos âmbitos de criação, um potencial editorial canalizador de suas produções, em contínuo processo de

desenvolvimento quantitativo e qualitativo. Entre eles se particulariza um número cada vez maior de escritoras, cuja obra propiciou um dos elementos mais fecundos e interessantes – marcadamente valorizado pela crítica especializada nos estudos de gênero – da marca feminina na literatura da época.

Essa produção se caracteriza também por uma abertura de nossa literatura a planos internacionais não atingida com anterioridade e manifestada de múltiplas formas. Foi se acumulando experiência – embora seja muito o que devemos aprender nesse sentido – e o mecanismo de promoção de nossa literatura a escala mundial, ao se aperfeiçoar, permitiu sua difusão em termos nunca antes atingidos. Essa difusão, junto com os numerosos prêmios internacionais obtidos por nossos autores e a sua participação, apesar das dificuldades econômicas atravessadas pelo país em vários eventos dessa índole, motiva a crescente atenção que se concede à literatura cubana por parte da crítica estrangeira.

Nas últimas décadas, tem sido particularmente significativo o processo de interiorização e posterior postulação do caráter indivisível da cultura cubana e, portanto, de sua literatura, o qual permitiu uma maior compreensão da integralidade de nossas letras e dos aportes feitos a elas por autores que, por diversas circunstâncias, radicaram-se fora de Cuba ou até mesmo sustentaram (e sustentam) opiniões contra o processo revolucionário. Como mencionamos, em seu aspecto editorial, esse fato se traduziu em múltiplas reedições de textos representativos de muitos dos mais destacados escritores que tomaram a decisão de se estabelecer fora do país após a declaração do caráter socialista da Revolução, assim como, embora em menor medida, na publicação em nossas editoras e revistas literárias de obras de autores importantes que após a Revolução se deram a conhecer fora de Cuba e que com sua criação fizeram ascender de forma considerável o nível da chamada literatura da diáspora.

Por último, essa literatura gestada nacionalmente, uma literatura em essência dentro de sua ubérrima variedade e com firmes raízes no melhor da nossa tradição, caracteriza-se pela sua ética, pela sua fidelidade aos mais acendrados valores do humanismo socialista, sem ter dado concessões à pornografia, ao elitismo, ao populismo ou a outras manifestações deformadoras que rebaixam seu valor.

Esses são alguns dos traços distintivos que caracterizam a literatura produzida na nova época de nossa história literária inaugurada pela Revolução. Impossível, desde já, dado o limitado espaço do qual dispomos para redigir estas páginas, seria plasmar a riqueza e magnitude de nossa vida literária nesse último meio século de existência. Fiquem estas páginas, pois, como um simples guia introdutório ao conhecimento dessa literatura e como incitação à leitura de obras e ao estudo de autores que, em seu conjunto, forjaram uma das literaturas mais singulares e valiosas entre todas as de nossa língua.

Nota

1 É característica da época resenhada a criação de um vasto sistema de concursos de incidência decisiva em nossa vida literária.

RESUMO – O artigo se propõe a oferecer ao leitor uma visão panorâmica do processo literário na nova época da história literária nacional inaugurada a partir de 1959, com o triunfo da Revolução Cubana. Para isso, escolhemos apresentar em ordem cronológica – dentro dos principais gêneros e modalidades literárias – as obras e figuras mais destacadas, atuantes ou aparecidas ao longo das décadas até a atualidade, dentro do contexto político, social e econômico no qual esses autores produziram e publicaram suas obras. Também, faz-se referência a alguns aspectos essenciais da política cultural, como seu início a partir das *Palavras aos intelectuais*, de Fidel Castro, o denominado “Quinquênio gris” ou a visão atual sobre a literatura da “diáspora”. Por último, tenta-se formular uma caracterização concisa de alguns dos traços essenciais da literatura produzida na época.

PALAVRAS-CHAVE: Continuidade e ruptura, Política cultural, “Quinquênio gris”, Diáspora, Gerações, Identidade cultural, Caráter épico.

RESUMEN – El artículo se propone ofrecer al lector una visión panorámica del proceso literario en la nueva época de la historia literaria nacional inaugurada a partir de 1959 con el triunfo de la Revolución cubana. Para ello se ha elegido presentar en orden cronológico – dentro de los principales géneros y modalidades literarias – las obras y figuras más destacadas actuantes o aparecidas en las distintas décadas hasta la actualidad, enmarcadas dentro del contexto político, social y económico en el que produjeron sus autores y se publicaron e influyeron sus obras. Se hace referencia también a algunos aspectos esenciales de la política cultural, como sus inicios a partir de las *Palabras a los intelectuales* de Fidel Castro, el denominado “Quinquenio gris” o la visión actual sobre la literatura de la “diáspora”. Por último, se intenta formular una caracterización somera de algunos de los rasgos esenciales de la literatura producida en la época.

PALABRAS CLAVE: Continuidad y ruptura, Política cultural, Quinquenio gris, Diáspora, Generaciones, Identidad cultural, Epicidad.

ABSTRACT – This paper aims to offer readers an overview of the literary process in the new age of national literary history that began in 1959 with the triumph of the Cuban revolution. To this end, and within each major literary genre and mode, we present a chronology of the most prominent works and authors (both those already active and those who emerged over the last decades) and the political, social and economic context in which they produced and published their works. We also mention some key aspects of Cuba’s cultural policy, e.g., Fidel Castro’s *Words to Intellectuals*, the so-called “Gray quinquennium” and the current view on the literature of the “diaspora.” Finally, we attempt to formulate a concise characterization of some of the essential traits of the literary works produced at the time.

KEYWORDS: Continuity and disruption, Cultural policy, “Gray quinquennium”, Diaspora, Generations, Cultural identity, Epic character.

Sergio Chaple Mesa é escritor, crítico, professor e pesquisador literário. Realizou estudos de pós-graduação em Praga sobre Teoria Literária, com a orientação do Prof. Oldrich Belich (1967-1969). @ – sergiox@cubarte.cult.cu

Tradução de Diego Molina. O original em espanhol – “Literatura cubana en la época de la Revolución” – encontra-se à disposição do leitor no IEA-USP para eventual consulta.

Recebido em 22.12.2010 e aceito em 8.1.2011.